

A Trilogia Antropofágica da cia OUTRO Dances

ALLISON LOURENÇOS DOS SANTOS¹; ALEXANDRA GONÇALVES DIAS²;

¹Universidade Federal de Pelotas – allyssonlorenzo123@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – alexandra.dias@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as obras cênicas Bitch, Cães e Animal Noturno. As obras que compõem a trilogia antropofágica, foram criadas pela Cia. Outro Dances que é um grupo vinculado ao projeto unificado com ênfase em pesquisa Antropofagia no Corpo e nas Artes da Cena. O grupo e o projeto no qual atuo como bolsista PIBIC são coordenados pelo Profa. Dra. Alexandra Dias. A pesquisa tem como base os estudos teóricos e práticos já iniciados na pesquisa de doutoramento intitulada "BITCH - The Solo-Cannibal Practice: An Anthropophagic Study to Solo Dance Making" desenvolvida na University of Roehampton (Reino Unido). Em sua elaboração, o projeto de pesquisa estabelece que visa desenvolver ações que promovam estudos avançados sobre as antropofagias a partir do corpo e na composição de diferentes obras cênicas. A antropofagia é um rito de incorporação do inimigo por meio da devoração (ROLNIK, 1998) e que era praticado pelo Povo Tupi antes e durante o período de colonização do Brasil. A antropofagia como uma perspectiva de arte foi cunhada por Oswald de Andrade em 1928. A ideia de Oswald era a de criar uma arte genuinamente brasileira seguindo um ideário modernista. Com base no rito Tupi, a antropofagia de Oswald compreendia a criação de algo novo a partir do ato de devoração do inimigo sacro. A partir destas ideias, o projeto vai se dedicar a pesquisar práticas espetaculares que operam através de mecanismos antropofágicos de incorporação e apropriação.

A Outro Dances foi fundada por Alexandra Dias quando ela estava radicada em Londres em 2018. Ao completar o PhD em Dança, a professora e artista da dança retorna à Pelotas e dá continuidade às suas pesquisas na universidade com um novo elenco de artistas que se junta a Outro Dances. A Outro Dances se interessa em criar trabalhos que transitam entre a dança, o teatro, o cinema e a performance. A partir de uma visão específica de antropofagia no corpo, a proposta de Dias inclui a investigação de estratégias de composição a partir dos princípios de: 1) exnovação (ao invés de inovação); 2) a outroria (ao invés de autoria) e 3) bastardizações (tais como a incorporação e a apropriação). A partir disso, a Outro propõe desafiar ideias da obra de arte como algo individual, original, intocável, experimentando danças penetráveis, transmissíveis e contaminadas por outras artes (DIAS, 2020). A Outro é formada por artistas de áreas diversas práticas do movimento tais como as danças de rua, o teatro, a capoeira, a arte de performance, a dança clássica, entre outras. Além disso, faz parcerias com artistas de outros coletivos, como a cia Espaço em Branco, o grupo Cerco, e com a dançarina-criadora Maria Falkembach.

2. METODOLOGIA

A metodologia do projeto parte da abordagem da pesquisa em arte (CATTINI, 2002) no qual o processo e a prática artística guiam o trabalho. A experimentação no corpo e o fazer são os métodos que conduzem a pesquisa. A pesquisa em arte

é diferente das outras abordagens metodológicas, pois os formatos que se seguem são outros, já que nela “o objeto não pode ser definido a priori, ele está em vir-a-ser e se construirá simultaneamente à elaboração metodológica” (CATTINI, 2002). Neste trabalho de prática-como-pesquisa foram criados três espetáculos, o primeiro é o solo Bitch, o segundo o espetáculo Cães, e o terceiro é o espetáculo Animal Noturno.

Bitch é a primeira investigação desta trilogia antropofágica que parte da relação de Alexandra Dias com a memória do seu animal de estimação de sua infância, uma cadela chamada Terça-feira. Em Bitch, se investiga no corpo as conexões dos buracos corporais, uma forma de abordagem antropofágica. Pesquisando essa ligação entre essa abertura de suas corpulência se encontra a conexão boca y cu, partindo desta relação corporal para criar as movimentações deste solo.

Cães é a segunda investigação. Foi feita com artistas do movimento, neste caso, exclusivamente por dançarinos homens (cis, trans e queer). Explorando a mesma conexão de boca y cu feita em Bitch, em Cães se parte de uma investigação em torno de uma corporeidade selvagem. Desta vez o trabalho busca refletir sobre concepções de masculinidade na atualidade explorando um corpo transespecífico que se localiza no trânsito entre o homem e o animal. Com o mesmo processo de prática-como-pesquisa explora essa possibilidade xamânica de transição entre o homem e o cão.

A última parte da investigação da cia é a obra que leva o nome de Animal Noturno, contém movimento que se dá a partir de um corpo transespecista, que oscila entre o humano e o animal. Desta vez o trabalho vai partir da ideia do corpo selvagem na condição de clausura e sufocamento, refletindo o corpo pandêmico e pós-pandêmico, tema de investigação desta obra. Assim, “as coreografias que são exploradas em Animal Noturno partem de um corpo letárgico que habita a escuridão e que se revela em agonia e dispneia” (DIAS, 2022). Esse espetáculo é dançado por vários corpos sem restrição de gênero. Animal Noturno encerra a trilogia de investigação antropofágica no corpo dançante.

O processo de criação das obras que compõem a trilogia antropofágica partem de uma criação coletiva fundada em explorações cênicas, criando assim a possibilidade de que o pesquisador-artista leve para cena seu fazer artístico. Stela Fischer mostra duas possibilidades de criação coletiva partindo da perspectiva de Fernando Peixoto (BARONE, 2011). A primeira é a que nega a existência de um diretor ou autor, e a segunda que vai admitir a presença de um autor ou diretor. Durante todo o processo de criação que tenho participado dentro da cia Outros Dances, visualizo que a segunda possibilidade de estruturação de um processo é a que o grupo vem trabalhando, pois a criação de cada espetáculo é construída convergente ao estado da investigação/pesquisa, no fazer.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trilogia antropofágica da Outro Dances tem como base a exploração da antropofagia no corpo dançante. A investigação parte de um referencial

teórico-artístico que busca atualizar a antropofagia considerando principalmente princípios da teoria queer e a cosmologia dos povos indígenas (DIAS, 2020). Assim, estudos de Jota Mombaça, Grada Kilomba, Denilson Baniwa, Lygia Clark e Eduardo Viveiros de Castro dão suporte ao trabalho. Nesse sentido, o que se propõe é uma "antropofagia com corpo todo" (MOMBAÇA, 2015), estratégia que produz uma dança que come por todos os buracos do corpo, partindo principalmente da relação entre boca e ânus. A partir dessa premissa, o corpo-gente torna-se corpo-bicho, criando um bailado transespecista que realiza um trânsito entre gente e animal (DIAS, 2020).

A base para a investigação/pesquisa para qualquer trabalho que realizamos é o corpo-antropofágico que se dá na incorporação do outro (DIAS, 2022) para depois nos aprofundarmos no tema que está sendo trazido como estímulo para criação da obra cênica. Existem três perguntas que estamos sempre nos colocando enquanto estamos procurando esse corpo-antropofágico, elas são: 1) Por onde comer? Ou seja, qual parte do corpo que come (ou qual parte do corpo atuará como boca). 2) Quem vem para jantar? Isto é, quem vamos escolher para comer em nossa produção artística. 3) Quais elementos irão compor o patuá de quem será comido? O patuá é entendido como um amuleto composto de elementos que auxiliam a conjurar quem será comido.

No caso de Cães, trabalho realizado somente com homens em cena, os 6 pesquisadores-artistas no elenco, exprimem em seus corpos a questão da masculinidade (esse é o tema). Há no trabalho uma coreografia onde cada um se expressa enquanto pesquisadores-artistas criando um solo. Para isso, primeiramente refletimos sobre o que é essa masculinidade e qual tipo de masculinidade eu performo. Para depois entender como isso se dá no corpo (Por onde devoro essas coisas?), tudo isso parte de estímulos corporais, o que inclui a investigação boca y cu. Assim, neste momento estamos colocando nossas questões e investigações para compor o trabalho.

4. CONCLUSÕES

Neste presente artigo foi relatado o processo de criação da trilogia antropofágica realizada pela OUTRO Dances em parceria com o projeto unificado com ênfase em pesquisa Antropofagia no Corpo e nas Artes da Cena. As pesquisas desenvolvidas possibilitam a experiência com a antropofagia para além do estudo teórico. A criação dos espetáculos, realizada por meio do processo colaborativo, cria novas possibilidades de desenvolvimento de pesquisa no campo das artes e gera novos métodos de fazer, de ocupar e se inserir para os pesquisadores-artistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barone, Luciana. PROCESSO COLABORATIVO: ORIGENS, PROCEDIMENTOS E CONFLUÊNCIAS INTERAMERICANAS. **XI Congresso Internacional da ABECAN: 20 anos de interfaces Brasil-Canadá**. Faculdade de Artes do Paraná. 2011.

Brites, Blanca; Tessler, Elida (orgs). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre : Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

Dias, A. G. Animal noturno: sobre a antropofagia no corpo enclausurado. **11º Seminário de Pesquisas em Andamento (SPA 2022)**. São Paulo: Ed.Universidade/USP, 2022.

Dias, A. G. **BITCH - The solo-cannibal practice: an anthropophagic study in solo dance making**. 2020. Tese. University of Roehampton. Disponível em: https://pure.roehampton.ac.uk/portal/files/4711997/Bitch_the_solo_cannibal_practice.pdf Acesso em: 01 de setembro de 2023.

Medium. **Pode um cu mestiço Falar**. 2015, Disponível em : <https://medium.com/@jotamombaca/pode-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee> Acesso em: 07 de setembro de 2023

Nemi Neto, J. **Anthropophagic Queer: A Study on Abjected Bodies and Brazilian Queer Theory**. 2015. Tese. City University of New York. Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/1071 Acesso em: 01 de setembro de 2019.

Nunes, B. A utopia antropofágica: Obras Completas de Oswald de Andrade. São Paulo: Editora Globo, 1990.

Rolnik, S. Anthropophagic subjectivity. In: HERKENHOFF, P.; PEDROSA, A. (eds.) **24ª Bienal de São Paulo. Arte Contemporânea Brasileira: Um e/entre Outro/s**. São Paulo: A Fundação. p.137, 1998.

Vaz, S. **Cooperifa Antropofagia Periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.